

# ***AGAMÊNON***

***Ésquilo***

## **Personagens**

**Agamênon** – filho de Atreu e rei de Argos e Micenas; comandante dos gregos na guerra de Tróia.

**Clitemnestra** – filha de Tindareu e de Leda; irmã de Helena; esposa de Agamênon.

**Egisto** – filho de Tiestes; primo de Agamênon; amante de Clitemnestra.

**Cassandra** – filha de Príamo, rei de Tróia; profetisa, trazida por Agamênon como troféu de guerra.

**Sentinela**

**Arauto**

**Coro** – composto por doze anciãos argivos fiéis a Agamênon.

**Corifeu**

**Época da ação** – idade heróica da Grécia.

**Local** – Argos, na Grécia.

**Primeira representação** – 458 a.C., em Atenas.

**Obs.:** Os gregos são também chamados Aqueus, Argivos, Helenos. Tróia é também chamada de Ílion.

*Cenário: espaço em frente ao palácio de Agamêmnon em Argos, com um altar no centro (dedicado a Zeus) e vários altares de outras divindades nos lados. Em um terraço está a SENTINELA. É noite.*

### **Sentinela**

Aqui no alto do palácio dos Atridas  
aos deuses todos peço há muitos, longos anos  
que me liberem da vigília cansativa.  
Firmado em meu braço dobrado, sempre atento,  
igual ao cão fiel, de tanto olhar o céu  
noite após noite agora sei reconhecer  
a multidão inumerável das estrelas,  
senhoras lúcidas do firmamento etéreo,  
indicadoras dos invernos e verões  
em seu giro constante pela imensidão.  
Espreito a todo instante o fogo sinaleiro  
que nos dará notícia da queda de Tróia;  
são ordens da mulher de ânimo viril,  
rainha nossa, persistente na esperança.  
Sempre que faço por aqui meu leito duro  
e deito molhado de orvalho, sem dormir  
e abandonado pelos sonhos de outros tempos  
(em vez de sono tenho medo, grande medo  
que afasta sempre minhas pálpebras pesadas),  
tento cantarolar, dizer alguma coisa  
que me desperte do torpor e me estimule,  
mas são soluços que me saem da garganta,  
pois choro as muitas desventuras desta casa  
outrora tão feliz, tão infeliz agora!  
Que venha, venha logo o protelado termo  
de minhas incontáveis atuais fadigas  
com a mensagem clara inda não recebida!

*(Silêncio; a Sentinela permanece atenta; subitamente aparece ao longe uma luz tênue a princípio e depois mais forte; a Sentinela ergue-se e fala com emoção.)*

É o sinal! É o sinal! Meus próprios olhos vêem!  
Eis a noturna luz que mudará decerto  
a treva em pleno dia! Logo vamos ter  
em Argos muitas danças e sonoros cantos!  
Fala alto e forte para que me escute bem  
a esposa de Agamêmnon em seu leito régio  
e faça reboar pelo palácio todo  
um grito estrepitoso de contentamento  
se é verdadeira esta revelação das chamas  
e finalmente Tróia forte foi vencida.  
Começarei eu mesmo a festa; estou dançando!  
A sorte de meus amos é também a minha  
e a mensagem da chama vista de tão longe

é o lance mais feliz de toda a minha vida!  
Volte o senhor deste palácio são e salvo  
e possa eu estreitar-lhe a mão bem-vinda!  
Quanto ao demais, silêncio! Um peso muito grande  
prende-me a língua mas a sua própria casa,  
se possuísse voz, revelaria fatos  
conhecidíssimos por muitos dos argivos;  
hão de entender-lhe claramente os que já sabem;  
não saberão os outros; quando quero, esqueço.

*(A Sentinela retira-se do terraço. Gritos de vitória são ouvidos dentro e fora do palácio, de onde saem criadas portando archotes, com os quais acendem chamas votivas e queimam incenso nos altares. No meio das criadas vê-se Clitemnestra, que se prosterna diante do altar central em atitude de prece. Entram em cena, vindo da outra extremidade do palco, os Anciãos, componentes do Coro, encaminhando-se para a frente do palco. Surge o dia.)*

### **Coro**

Partiram há dez anos desta terra  
mandando em mil navios belicosos  
e tripulados por todos os argivos  
- apoio marcial a seus anseios -  
rei Menelau, que detestava Príamo,  
e seu valente irmão, rei Agamêmnon,  
Atridas fortes e destemerosos,  
dois tronos e dois cetros dons de Zeus.  
Um grito de batalha aterrador  
repercutiu nos céus vindo de peitos  
amargurados por justo rancor  
como o das águias donas das alturas  
que em solitário, negro desespero  
ao verem mortos os filhotes frágeis  
batem os ares com as asas enormes  
chorando os vãos desvelos com seu ninho  
que ao regressar acharam destruído.  
Porém alguns dos deuses lá do alto  
- Apolo, ou Pan, ou mesmo o grande Zeus -  
escuta as queixas das magoadas aves,  
valentes habitantes do seu reino,  
e contra quem lhes fez tamanho mal  
envia pelas Fúrias vingadoras  
castigo certo e duro, embora tardado.  
Assim agiu o grande Zeus fortíssimo  
sempre zeloso da hospitalidade  
mandando contra Páris os Atridas.  
Por uma dama, por Helena bela  
de muitos homens, gregos e troianos  
travaram mil batalhas ferocíssimas  
em que no chão se dobram os joelhos  
e lanças partem-se aos primeiros ímpetos.

Os fatos passam-se conforme devem;  
caminha tudo para o fim marcado  
e nem a lenha de lustral fogueira  
nem abundantes libações e lágrimas  
tornam propícias oferendas ímpias.  
Ficamos nós aqui, por sermos velhos  
já incapazes para pugnas bélicas,  
firmando nestes sólidos bastões  
os nossos passos débeis, infantis;  
a feitos marciais não aspiramos.  
É igual ao nosso ardor dos peitos jovens  
mas Ares não nos quer em seu cortejo;  
a nossa vida já durou demais  
e temos todos os cabelos brancos;  
as pernas trôpegas não nos ajudam,  
como crianças nos primeiros passos;  
apesar de acordados já sonhamos.

*(Aproximando-se do altar central, vêem Clitemnestra orando.)*

Mas tu, filha de Tindareu, o grande,  
rainha Clitemnestra, vem, responde,  
informa-nos depressa do que houve;  
quais as notícias que te transmitiram?  
Que novas ou rumores te fizeram  
realizar com desusada pressa  
tais cerimônias propiciatórias?  
Os deuses do alto e os das profundezas,  
os numes do santuários e das ruas  
ostentam todos os altares cheios  
de inumeráveis, ricas oferendas;  
aqui e ali as chamas sobem lépidas  
levando ao céu o incenso lisonjeiro  
até nos mais recônditos recantos.  
Explica-nos, então, qual o motivo  
de tanto movimento inesperado;  
transmite-nos o que pode ser dito;  
desfaze as dúvidas de nossa mente  
atônita, que desespera às vezes,  
às vezes se alvoroça de esperança  
que as chamas dos altares iluminam  
ao dissipar a dúvida mortal  
destruidora do ânimo mais forte.

*(Clitemnestra, absorta diante do altar, parece ignorar os Anciãos, que voltam à posição anterior. Um deles avança.)*

Falar ainda posso, ainda lembro  
o dia da partida e julgo ver  
de novo o alegre augúrio de triunfo

que se mostrou aos bravos combatentes  
(as divindades deixam-nos intacta  
ao menos uma força na velhice:  
o dom dos doces cantos convincentes).

*(Mais musical.)*

Os dois valentes reis Aqueus de mente unânime  
levaram para Tróia a gente grega  
portando as lanças ansiosas por vingança,  
tocados por presságio favorável:  
de súbito surgiram antes os reis, senhores  
de tantas naus e homens, duas águias  
rainhas das alturas; uma, toda negra,  
a outra quase (tinha o dorso branco),  
voando nas proximidades do palácio,  
cortando os ares nítidos do lado  
da mão que brande as armas; ambas atacavam,  
terríveis, ávidas, pejada lebre;  
a vítima, desesperada, contorcia-se  
na luta por fugir daquelas garras,  
da morte próxima que logo acabaria  
com as céleres carreiras e com tudo;  
mas foi em vão; as duas águias devoraram-na  
e os filhos inda ocultos em seu ventre.

### **Coro**

Tristezas, canta tristezas,  
e possa o bem triunfar.

### **Ancião**

Então o sábio adivinho dos exércitos,  
olhando os dois Atridas marciais,  
equiparou-os às soberbas águias ávidas,  
devoradoras de indefesas lebres,  
e disse interpretando o portentoso que vira:  
"No tempo próprio, eles, que ora partem,  
conquistarão por certo a terra do rei Príamo;  
e quando as altas torres da cidade  
caírem, as riquezas de uma raça toda  
serão tomadas; o destino quer.  
Mas aconselho-vos o máximo cuidado!  
Pode algum deus zeloso arrebatá-los  
de vossas mãos aflitas por poder impô-los  
o jugo duro feito para Tróia!  
A casta Ártemis em sua piedade  
está irada com os alados cães  
de Zeus seu pai, que devoraram frágil presa  
e suas crias inda por nascer;  
ela maldiz o bárbaro festim das águias."

**Coro**

Tristezas, canta tristezas,  
mas possa o bem triunfar.

**Ancião**

"Mas basta de falar; é quanto me permite  
dizer a bela deusa benfazeja  
que se diverte com os ferozes leõezinhos  
ainda frágeis e com as tenras crias  
das feras todas habitantes das florestas,  
se quero interpretar algum presságio  
- portento auspicioso ou (quem sabe?) funesto -  
no vôo velocíssimo das aves.  
Invoco Apolo e peço a sua intercessão;  
não prenda Ártemis as naves gregas  
com ventos fortes insuflados contra elas  
impondo mais um sacrifício ímpio,  
adverso às leis, incompatível com o júbilo,  
artífice de lutas em família,  
amargo fim da reverência conjugal.  
Já antevejo a cólera bem próxima,  
terrível, inapaziguável, sem remédio,  
guardiã insidiosa desta casa,  
alerta sempre, sempre ansiosa por vingar  
com crueldade a vítima inocente."  
Tais foram as palavras do profeta Calcas  
diante da mansão de nossos reis,  
presságio de terríveis males e de bens  
enormes que ditaram os augúrios  
no dia da partida; e em seguida a eles...

**Coro**

... tristezas, canta tristezas,  
mas possa o bem triunfar.

**Ancião**

Zeus! Seja Zeus quem for! Que a minha invocação  
se lhe aprover, tenha boa acolhida!  
Depois de muito ponderar, somente em Zeus  
diviso o fim de minha angústia enorme.  
Um deus havia antigamente, poderoso  
e ousado para todos os combates  
(seu nome no futuro nem será lembrado);  
surgiu depois um outro deus mais forte  
mas foi também vencido e desapareceu.  
Agora os homens que convictamente  
vêm no grande Zeus o vencedor final  
desfrutam o conceito de mais sábios,  
pois Zeus sem dúvida foi quem levou os homens

pelos caminhos da sabedoria  
e decretou a regra para sempre certa:  
"o sofrimento é a melhor lição".  
Da mesma forma que durante o sono, quando  
somente o coração está desperto,  
antigas penas nossas voltam à memória,  
assim os homens vem, malgrado seu,  
a sapiência; esse constrangimento bom  
é comunhão da graça procedente  
dos deuses entronados em augustas sedes.  
Aconteceu o mesmo ao condutor  
das naves gregas - o mais velho dos Atridas -  
que, sem Ter dúvidas quanto às palavras  
do vate iluminado, aceitou logo os golpes  
impiedosos da fortuna adversa  
naquela hora em que a ardorosa gente grega  
permanecia inerte frente a Cálcis  
(lá onde as águas de Áulis sobem e recuam),  
retida por ventos desfavoráveis  
enquanto as poucas provisões se consumiam  
nas naus imóveis com as velas descidas.  
As brisas que sopravam rápidas do Strímon  
trazendo o desastroso ócio, fome,  
perigos, dispersão dos homens, fim das naves  
havia tanto tempo ali nas paradas,  
ceifavam o melhor da juventude grega  
naquela espera longa, interminável;  
na hora em que o profeta, interpretando Ártemis,  
anunciando aos chefes dos Aqueus  
a contingência inexorável, mais cruel  
que aquela espera desalentadora,  
os dois filhos de Atreu golpearam a terra  
com os cetros e tiveram de chorar.  
"Será atroz o meu destino se resisto".  
falou o mais idoso dos dois reis;  
"será atroz, também, matar a minha filha,  
minha Ifigênia muito, muito amada,  
adorno, encantamento do palácio meu,  
manchando minhas mãos de pai com o sangue  
do sacrifício de uma virgem inocente.  
Qual dos caminhos me trará agora  
mágoa menor? Será possível nesta hora  
abandonar de vez a expedição  
traíndo tantos e tão prestes aliados?  
De certo está com eles a justiça  
se querem decididamente o sacrifício  
capaz de os ventos nos trazer, propícios,  
embora tenha de jorrar o sangue puro!  
Que seja tudo para o nosso bem!"  
Depois de aceito o jugo da necessidade

o rei fez sua escolha e admitiu  
o sacrifício, vilania inominável;  
a decisão foi obra de um instante;  
iria consumir-se a máxima ousadia.  
A decepção funesta arrasta os homens  
a insólitos extremos de temeridade;  
é conselheira péssima e é fonte  
inesgotável de amargura e sofrimentos.  
Pois Agamêmnon não se atreveria  
ao holocausto de Ifigênia, sua filha,  
a fim de que pudessem ir as naus  
de mar afora resgatar Helena bela?  
As súplicas da vítima, seus gritos  
pungentes pelo pai, a idade virginal  
em nada comoveram os guerreiros  
ansiosos por saciar a sede de combates.  
Depois da invocação aos deuses todos,  
Mandou o pai que subjugassem a sua filha;  
usando as vestes para proteger-se,  
tentava a virgem frágil resistir lutando  
desesperadamente, mas em vão:  
como se fosse um débil cordeiro indefeso,  
puseram-na no altar do sacrifício;  
brutal mordida comprimia rudemente  
seus lindos lábios trêmulos de medo  
e sufocava imprecações; quando caíram  
por terra as vestes de formosas cores,  
a cada um de seus verdugos impassíveis  
volveu os eloqüentes olhos súplices  
- tão expressivos como se pintura fossem -  
desesperada por falar mas muda,  
ela, que tantas vezes nas festivas salas  
do senhoril palácio de Agamêmnon  
cantava com a voz doce de donzela tímida  
os hinos em louvor ao pai amado!  
O que depois aconteceu não pude ver  
e mesmo que pudesse não diria.  
A arte do profeta Calcas não mentiu;  
por da justiça os sofredores  
se tornam dóceis e o porvir há de mostrar-se  
no tempo prefixado fatalmente;  
até que venha é inútil a preocupação  
(por que chorar se a hora não soou?).  
Chegando o dia tudo se revelará.

*(Clitemnestra, finda a prece e depostas as oferendas, afasta-se do altar central, marchando juntamente com as criadas para onde estão os Anciãos do Coro.)*

**Coro** *(percebendo Clitemnestra que se aproxima.)*

Agora só devemos esperar,  
em face da incerteza do futuro,  
que o fim de tudo seja favorável,  
tal qual deseja quem nos traz aqui  
- Segunda apenas diante de Agamêmnon  
e no momento protetora única  
da terra de Ápis, Argos gloriosa.

**Corifeu** (*dirigindo-se a Clitemnestra.*)  
Obedecendo, Clitemnestra, a teu poder,  
vim para ouvir-te; é justo reverenciar  
em frente ao trono tanto tempo desusado  
aquela que com o rei é nossa governante.  
Se as novas que conheces são boas ou más  
ou se nos mandas propiciar os deuses bons  
movida e animada só pela esperança  
- suave mensageira -, ouvir-te-ei solícito;  
e não me queixarei se nada me disseres.

**Clitemnestra**  
Desejo que do seio materno da noite  
desponte cheio de venturas este dia.  
Terás de mim notícias mais que favoráveis,  
além da mais risonha das expectativas:  
as forças gregas conquistaram Tróia toda!

**Corifeu**  
Repete, por favor, pois não entendi bem!

**Clitemnestra**  
Os gregos capturaram Tróia! Ouviste agora?

**Corifeu**  
O júbilo me vence e até me faz chorar!...

**Clitemnestra**  
Teus olhos falam bem de tua lealdade.

**Corifeu**  
Que provas tens? Há garantias de verdade?

**Clitemnestra**  
Se os deuses não quiseram enganar-me, há.

**Corifeu**  
Terás acreditado em sonhos convincentes?

**Clitemnestra**  
Não creio nas visões da mente adomecida.

**Corifeu**

Algum rumor sutil passou por teus anseios?

**Clitemnestra**

Igualas o meu pensamento ao das crianças?

**Corifeu**

Revelas, então, quando a cidade foi tomada!

**Clitemnestra**

Na noite antecedente a este mesmo dia.

**Corifeu**

Que mensageiro chegaria tão depressa?

**Clitemnestra**

Hefesto, que mandou dos píncaros do Ida  
a sua chama lúcida, vista em seguida  
lá dos penhascos de Hermes, na famosa Lemnos;  
de lá o fogo forte foi comunicado  
ao monte Atos, onde Zeus se refugia;  
vencendo o interminável mar que vem depois,  
levou nova fogueira a rápida mensagem  
às incansáveis sentinelas do Macisto;  
novo sinal de chamas foi aceso logo,  
muito distante das águas do Euripo; a luz,  
igual à de outro sol, foi vista do Messápico  
por gente alerta que depressa transmitiu  
a nítida mensagem vinda de tão longe  
por toda a infindável planície do Asopo;  
nas culminâncias do Citéron nova chama  
luziu como se fora lua fulgurante;  
ali se iluminou a fogueira seguinte,  
capaz de ser notada ainda mais longe  
e seu clarão intenso atravessou o Gorgópis;  
tendo atingido, infatigável, o Egiplancto,  
seguiu a chama o rumo predeterminado  
e a mais brilhante das fogueiras e maior  
pôde ser vista para lá do promontório  
que protege a saída do golfo Sarônico;  
dali partiu nova mensagem luminosa  
e chegou logo à outra meta desejada  
- o alto monte Aracne, penúltima etapa,  
posto avançado atento de Argos -; finalmente,  
daqui pudemos ver a luz alvissareira,  
vinda diretamente da primeira chama.  
Não foi em vão que transmiti as minhas ordens  
aos homens postos no percurso da mensagem  
e a glória deste feito é igualmente deles.  
Eis a evidência que te posso oferecer;

Veio de Tróia, mandada por meu senhor.

### **Corifeu**

Rainha, agora eu posso agradecer aos deuses,  
mas gostaria de escutar-te novamente  
pois meu espanto ainda não está desfeito.

### **Clitemnestra**

Agora os soldados Aqueus dominam Tróia.  
Na praça capturada certamente ouve-se  
o burburinho de mil vozes bem distintas.  
Derrame-se vinagre e azeite num só vaso;  
os dois não se misturarão de modo algum,  
como se fossem inimigos acirrados.  
Da mesma forma, os brados dos vitoriosos  
e os dos vencidos são de todo inconfundíveis;  
separa-os diferença enorme de fortunas.  
Mulheres desvairadas tentam descobrir  
os corpos dos irmãos e dos esposos mortos;  
sobre os cadáveres dos pais crianças choram  
(são lábios antes livres lamentando males).  
Mas os felizes vencedores, já refeitos  
dos sobressaltos e fadigas e perigos  
da derradeira luta nas noturnas trevas,  
reúnem-se famintos junto aos poucos víveres  
inda restantes na cidade saqueada  
para a primeira refeição provada em paz.  
Não haverá depois deveres marciais;  
repousarão nas casas da vencida Tróia  
que lhes couberem na partilha por sorteio,  
livres do orvalho na vigília sem abrigo;  
desfrutarão enfim o sono sem cuidados  
com que nas tréguas dos combates mal sonhavam.  
Se cultuarem os bons deuses como devem  
e os santuários da cidade subjugada,  
de vencedores não se tornarão vencidos.  
Dominem os conquistadores a soberba  
e não se deixem arrastar pela cobiça  
a temerárias, a sacrílegas pilhagens!  
A luta não termina com a vitória; falta  
a volta, que é metade de um longo caminho.  
Ainda que regressem todos de mãos limpas,  
sem máculas de excessos e de impiedades,  
o ultraje aos numerosos inimigos mortos  
se não causou ainda amargas decepções  
mais tarde pode provocar rancor divino.  
Ouviste simples pensamentos de mulher;  
que sejam um prenúncio de ventura e paz  
e finalmente possa o bem prevalecer.

### **Corifeu**

Procede como se homem fosses e prudente,  
e tua fala clara me persuadiu.  
Irei levar aos deuses minha gratidão,  
pois para tantas provações e tão cruéis  
teremos recompensas em medida igual.

*(Clitemnestra retorna ao palácio seguida pelas criadas.)*

### **Coro**

Saúdo Zeus supremo que nos deu  
imensa glória; salve, noite amiga  
que acobertaste a cilada fatal  
aos altos muros da orgulhosa Tróia  
onde morreram grandes e pequenos,  
vítimas todos do destino duro.  
Venero, sim, o hospitaleiro Zeus,  
o deus que tudo fez, irresistível,  
e preparou durante muito tempo  
o inelutável arco da vingança  
para que as setas dele disparadas  
em direção a Páris não caíssem  
aquém do alvo nem se extraviassem  
num vôo vão além dos astros claros.  
Foi Zeus quem dirigiu a punição,  
pois é inconfundível o sinal  
que deixa em sua obra a mão divina.  
Pensar é para Zeus é igual a agir.  
Afirmam uns que os deuses não vigiam  
os descuidosos de dever sagrado;  
são pensamentos atrevidos, ímpios!  
A ruína é punição inexorável  
da pretensão sem termo e sem medida  
e das extravagâncias da opulência.  
O dom supremo é ter comedimento;  
queiramos só os bens inofensivos,  
suficientes quando há bom senso,  
pois a prosperidade nunca serve  
aos que se sobrepõem à justiça.  
Transtorna-os a sinistra Tentação,  
insidiosa filha do Delírio:  
o mal, então, se torna irremediável;  
não se disfarça mais, todos o vêem  
- sinistra, inocultável evidência.  
Iguais a moedas falsificadas  
enegrecidas por pedra de toque,  
revelam os perversos a maldade  
como crianças que perseguem pássaros,  
manchando os seus com nódoa inapagável.  
Os deuses não escutam suas súplicas;

a ruína é o fim de todos os culpados.  
Assim agiu outrora o belo Páris;  
bem acolhido pelos dos Atridas,  
ignobilmente desonrou um lar  
raptando uma mulher presa por núpcias!  
Ela, deixando ao povo atrás de si  
o estrépito de lanças e de escudos,  
guerreiras naus e o aparato bélico,  
levou a Tróia o luto em vez de dote  
quando transpôs as portas da cidade,  
ousando o que jamais ninguém ousara.  
Naquele instante os vates inspirados  
disseram em gemidos incontidos:  
“Ai do palácio! Ai, palácio e príncipes!...  
Ai do vazio leito do marido  
marcado ainda pelo corpo amado!...  
Silencioso é só, entregue à dor,  
ferido em seu orgulho um homem sofre,  
aniquilado, sem poder queixar-se.  
Sente saudade atroz, angustiante,  
da esposa que se foi de mar afora;  
a imagem dela inda povoa a casa;  
a própria graça dos adomos belos  
agora se afigura detestável;  
foi-se com ela o atrativo deles.  
Em sonhos o marido solitário  
é visitado por visões fugazes  
que só lhe trazem alegrias vãs,  
pois mal se mostram já se desvanecem  
fugindo fluidas de seus dedos ávidos  
como asas agitadas pelo sono.  
Apenas a saudade permanece  
em seu palácio, ali junto à lareira,  
constante e cada vez mais forte.”  
Por toda a parte, em cada casa triste  
de onde partiu algum guerreiro Aqueu,  
o desencanto reina angustiando  
os corações e tudo é inquietação;  
todos se lembram bem dos que partiram  
e pressentem que ao lar de cada um  
em vez dos homens idos voltarão  
apenas urnas fúnebres e cinzas.  
Ares sangrento, mercador de morte,  
decide o resultado das batalhas  
e a quem espera manda lá de Tróia  
o pó que as fogueiras crepitantes  
num instante reduziram tantos gregos,  
ainda quente e úmido de lágrimas.  
Louvores se misturam a gemidos:  
“Como era destemido este guerreiro!”

“Aquele ali tombou valentemente  
na luta rude!” “Por esposa alheia”,  
alguém sussurra fazendo segredo.  
E doloroso descontentamento  
brota furtivamente e se difunde  
visando aos dois Atridas vingadores.  
Em Tróia, todavia, bem distante,  
ao longo das muralhas da cidade  
jazem por terra muitos gregos mortos  
na época mais bela da existência,  
conquistadores, sim, mas engolidos  
na hora extrema pelo chão vencido!  
É perigosa a voz de uma cidade  
magoada, a maldição de muita gente.  
Prevejo, temeroso, tenebrosos,  
terríveis fatos, pois os deuses guardam  
a nítida visão de tantas mortes;  
com o tempo as negras Fúrias vingadoras  
envolvem irremediavelmente  
os maus injustamente venturosos  
e o máximo poder reduz-se a nada;  
e desse fim sem sombra de esperança  
ninguém, ninguém jamais escapará!  
A glória imensa pode ser fatal  
pois Zeus com seus irresistíveis raios  
atinge facilmente as culminâncias.  
Prosperidade que não cause inveja,  
eis meu desejo; não me move a idéia  
de conquistar e destruir cidades,  
nem quero ver um dia minha vida  
nas mãos de impiedosos vencedores.  
Anunciada por clarão intenso,  
mensagem célere percorre Argos;  
se é verdadeira ou nada mais que engodo  
armado pelos deuses, quem garante?  
Seria pueril ou insensato  
dar crédito a esperanças despertadas  
por incomuns mensagens flamejantes  
que podem resultar em desenganos;  
a decepção sucede à esperança.  
É próprio das mulheres acolher  
com avidez rumores agradáveis  
sem guardar a prova da verdade;  
se rápida a certeza se insinua  
na mente das mulheres, mais depressa  
desfaz-se a feminina convicção.

*(Alguns dias depois; mesmo cenário; os Anciãos do Coro estão novamente reunidos.)*

### **Corifeu**

Em breve saberemos se o revezamento  
de chamas claras e fogueiras sinaleiras  
nos transmitiu um fato, ou se foi sonho apenas  
essa visão de luz, engano dos sentidos;  
caminha em nossa direção, vindo da praia,  
veloz recém-desembarcado mensageiro  
com folhas de oliveira em volta da cabeça,  
todo coberto de poeira, imã do lodo;  
e bem se vê que não irá ficar calado  
nem acender fogueiras no alto das montanhas  
- sinais equívocos de chama e de fumaça -;  
deve trazer-nos com palavras categóricas  
jamais sentidas alegrias, ou então...  
(causa-me horror esta segunda alternativa...)  
Que às perspectivas agradáveis, já sabidas,  
venham juntar-se razões novas de alegria!  
E quem tiver agora pensamentos outros  
ou maus desejos relativamente ao povo  
há de o castigo receber que bem merece!

*(Entra o Arauto, ofegante.)*

### **Arauto**

Saúdo o solo de Argos, terra de meus pais!  
Dez anos se passaram, mas enfim retomo!  
Vi numerosas esperanças fracassarem  
mas uma realizou-se: nem sequer em sonhos  
imaginava vir morrer em minha terra  
e ter aqui a pretendida sepultura!  
Seja este chão bendito e seja abençoada  
a luz do sol, e Zeus bendito nas alturas!  
Saúdo Apolo Pítio (não nos atravessem  
jamais as tuas setas!). Temos suportado  
durante muito tempo a tua hostilidade  
lá longe às margens do Escamandro; sê agora  
o nosso protetor e guarda, santo Apolo!  
Saúdo as divindades todas da cidade,  
principalmente meu patrono e guia, Hermes,  
arauto-mor pelos arautos venerado!  
E vós, também, heróis que protegeis as naus,  
sede benévolos com todos os guerreiros  
que as lanças não exterminaram nas batalhas!  
Salve, palácio de meus reis, seguro abrigo!  
Salve, sacrários! Salve, deuses poderosos  
que o sol clareia! Como em dias já passados,  
mostrai semblante acolhedor ao nosso rei  
depois dos anos infindáveis dessa ausência!  
Trazendo luz às trevas Agamêmnon volta  
por vossa graça e para o bem de todos nós.

É justo recebê-lo com festas sem par,  
pois ele destruiu a terra dos troianos,  
onde não foi deixada pedra sobre pedra,  
com as armas que lhe pôs nas mãos Zeus vingador;  
até os santuários foram arrasados  
e o solo revolvido; Tróia outrora altiva  
suporta hoje o jugo degradante e duro  
imposto por nosso senhor recém-chegado,  
o filho mais idoso e mais feliz Atreu,  
digno mais que ninguém de grandes homenagens.  
Findou a presunção de Páris e de Tróia;  
o sofrimento foi maior que o benefício.  
Herói de rapto e de rapina, viu perdido  
o fruto de seu crime e apenas malefícios  
causou à sua gente e a todo o povo seu;  
coube uma pena dupla aos filhos do rei Príamo.

**Corifeu**

Arauto das hostes argivas, rejubila-te!

**Arauto**

Seria bom morrer agora, junto aos meus!...

**Corifeu**

Atormentavam-te as saudades desta terra?

**Arauto**

De tal maneira que já não contendo as lágrimas!

**Corifeu**

não era, então, apenas nossa essa tristeza...

**Arauto**

Que dizes? Sê explícito, pois não te entendo.

**Corifeu**

Sofríeis por voltar e nós por vossa volta.

**Arauto**

Eram saudades dos nossos combatentes?

**Corifeu**

Muitos soluços transbordavam de meu peito.

**Arauto**

Qual era a causa da tua melancolia?

**Corifeu**

Há muito tempo meu remédio é não falar...

**Arauto**

Na ausência de teu rei alguém te amedrontava?

**Corifeu**

“Seria bom morrer agora”, tu disseste...

**Arauto**

Porque se concretizam hoje meus desejos.  
Dão certo alguns projetos nossos, outros não;  
somente os deuses são imunes a fracassos.  
Se eu pretendesse descrever as provações,  
o desconforto, os incontáveis sofrimentos  
de nossa expedição, palavras comovidas  
diria lembrando tantos dias tristes.  
Desembarcados, inda padecemos mais,  
premidos contra as fortalezas inimigas;  
caía chuva lá do céu, caía orvalho  
e as vestes dos soldados não os abrigavam.  
Se fosse eu falar do frio intolerável  
que até matava os pássaros no alto Ida...  
E dos verões, quando ao torpor do meio-dia  
o mar imóvel e sem brisas dormitava...  
Mas não repetirei lamentos. Nossas penas  
estão passadas; terminaram as dos mortos,  
que nunca, nunca mais conseguirão erguer-se.  
Por que enumerar os desaparecidos,  
afligindo os sobreviventes, mais felizes,  
com a rememoração de alheias desventuras?  
Conforta-nos bastante o derradeiro adeus  
que nos disseram os passados infortúnios;  
nós, os remanescentes das hostes argivas  
tivemos afinal mais ganhos do que perdas;  
depois de tantos mares percorrer e terras  
é muito justo proclamar altivamente  
diante do fulgor do sol: no fim da luta  
as forças vencedoras da arrogante Tróia  
ofereceram os troféus lá conquistados  
aos deuses bons de toda a Grécia, que revêem,  
glorificando seus altares veneráveis.  
E quem ouvir depois a história desses feitos  
terá de enaltecer a Hélade e seus chefes;  
também será lembrada a ajuda de Zeus pai  
que tudo fez. Termina aqui a minha fala.

**Corifeu**

Teus ditos me venceram, não posso negar;  
é sempre tempo de render-me à evidência.

*(Vendo Clitemnestra chegar à porta do palácio.)*

Pertencem mais a esta casa as novidades  
e a Clitemnestra; a mim me coube muito delas.

*(Entra em cena Clitemnestra, vinda do palácio.)*

**Clitemnestra**

Faz muito tempo que se ouviu meu grito alegre  
de triunfo, quando o fogo nítido nas trevas  
primeiro deu a conhecer o fim de Tróia  
apregoando a sua ruína e rendição.  
Houve entre nós quem mumurasse, quem dissesse:  
“a chama das fogueiras é tão convincente  
que julgas consumada a perdição de Tróia?  
O coração engana às vezes as mulheres”.  
Fui censurada, fui havida por demente,  
mas nem por isso descuidei de prescrever  
os sacrifícios rituais granulatórios.  
Por minha vontade só fime de mulher,  
em todos os recantos da cidade alegre  
soaram alto as merecidas louvações  
aos deuses; sobre seus altares recendeu  
incenso forte consumido pelas chamas.  
Qual o valor, então, de repetir as novas  
já conhecidas? Ouvirei do próprio rei  
a história toda; por enquanto quero apenas  
cuidar depressa de cumprir a minha parte,  
tratando como devo o meu senhor que volta.  
não há para a mulher satisfação maior  
que a de mandar abrir as portas ao marido  
salvo da morte pelos deuses nas batalhas.  
“Retorne sem demora!” Nada mais desejo,  
pois a cidade é dele e o quer de volta já.  
Que venha ao lar e veja a companheira honesta  
como a deixou, zelosa, igual a cão fiel,  
maior amiga dele e inimiga máxima  
dos que lhe querem mal, a mesma esposa em tudo,  
durante tanto tempo guardiã atenta  
de quantos bens ficaram sob o seu cuidado.  
não conheci prazeres vindos de outros homens  
e nada sei de intrigas e maledicência  
(tais coisas são para mim totalmente estranhas).

**Arauto**

Numa mulher tão nobre não chega a chocar  
essa altivez onde tudo é pura verdade.

*(Clitemnestra volta ao palácio.)*

**Corifeu** *(dirigindo-se ao arauto.)*

são para tua informação essas palavras,

mas quem as ouve e as interpreta retamente  
conclui depressa que elas são todas malévolas.  
Conta-nos algo agora sobre Menelau:  
também voltou o chefe amigo desta terra  
convosco são e salvo: quero ouvir de ti.

**Arauto**

Seria vão tentar passar relatos falsos  
por verdadeiros; durariam pouco tempo.

**Corifeu**

Preferiríamos notícias agradáveis  
mas que exprimissem simultaneamente os fatos;  
as falsas alegrias logo se desfazem.

**Arauto**

De Menelau e suas naus, infelizmente  
não há na amada quem saiba dizer. Não mintu.

**Corifeu**

Terá deixado Tróia antes dos outros gregos?  
Ou uma tempestade – perdição de todos –  
causou a dispersão das naus e desgarrou-as?

**Arauto**

Foste direto ao alvo, igual a bom archeiro;  
poucas palavras mostram o desastre enorme.

**Corifeu**

Conheces a impressão dos outros navegantes?  
É de que esteja vivo, ou o consideram morto?

**Arauto**

Não há quem saiba com certeza; só o Sol  
que vivifica a terra poderá dizer.

**Corifeu**

Serás capaz de relatar a tempestade  
mandada pelo céu por sobre as nossas naus  
e tudo que ocorreu, e mesmo o fim de tudo?

**Arauto**

Palavras tristes não condizem com momentos  
de bons augúrios; seja honrado cada deus  
em sua vez. Se um mensageiro, consternado,  
relata ao povo a destruição de tantas naus  
- terrível golpe imposto a toda uma cidade -,  
de muitos lares em que vítimas sem número  
ceifou impiedoso o duplo açoite de Ares  
- dobrada maldição, parelha sanguinária -,

quando as notícias vêm repletas de desgraças,  
o arauto pode entoar com propriedade, então,  
o canto lamentoso e lúgubre das Fúrias.  
Mas se transmito a uma cidade jubilosa  
notícias boas de vitória e salvação,  
por que misturarei desgraças e venturas  
falando-vos de desastrosas tempestades,  
prenúncio da divina ira contra nós?  
Pois mar e fogo, antes ferozes inimigos,  
em aliança se juntaram e a selaram  
despedaçando as infelizes naus argivas!  
Em plena noite os vagalhões nos açotavam.  
As naus se entrechocavam todas, impelidas  
irresistivelmente pelos ventos trácios  
e proas destruíam proas com fragor  
em meio à fúria da procela; golpeadas  
sem trégua pelas fortes chuvas, nossas naus  
desarvoravam, desgarravam-se, perdiam-se,  
joguetes da tomenta grávida de males.  
E quando a luz do sol apareceu radiosa  
o mar Egeu surgiu florido de cadáveres  
de gregos e destroços do desastre náutico.  
No entanto nós, e nossa nau com o bojo intacto,  
fomos poupados por alguma divindade  
que ocultamente pôs mão forte no timão.  
Quis a fortuna salvadora acomodar-se  
em nossa proa e felizmente nos livrou  
de enormes ondas e de escolhos traiçoeiros.  
Assim salvamo-nos da morte no oceano,  
mal crendo ainda em nossa sorte favorável.  
Pensamos ansiosos, quando veio o dia,  
em nossos infortúnios e na frota  
aniquilada pela negra tempestade.  
Agora, se qualquer dos nossos ainda vive,  
há de sem dúvida pensar que nós estamos  
perdidos (e por que não pensaria assim  
se o mesmo imaginamos a respeito deles?).  
Mas praza aos céus que o fim de tudo seja bom.  
Mais do que tudo espero Menelau de volta.  
Se sol onividente o descobrir um dia  
com vida e bem por proteção do grande Zeus  
que ainda não intenta destruir de todo  
a nobre estirpe oriunda do famoso Atreu,  
há esperanças de que volte um dia a nós.  
São verdadeiras as palavras que escutaste.

*(Retira-se o Aauto.)*

### **Coro**

Quem terá dado nome tão correto  
a Helena bela, essa esposa de espadas,  
envolta em desavenças, dor e ruínas,  
nascida para destruir amadas  
e perdição dos homens e cidades?  
De certo alguma oculta potestade  
que em nossos lábios pôs a voz dos fados.  
Deixando atrás de si faustosa vida  
fugiu de mar afora, impulsionada  
por Zéfiro gigante com seu sopro.  
Seguiram-na incontáveis caçadores  
armados e vestidos de guerreiros  
no encalço do sinal fugaz dos remos  
até as margens verdes dos Simóis,  
por obra e causa da discórdia rubra.  
A cólera de rígidos desígnios  
mandou a Tróia bodas lutuosas,  
cobrando o grande Zeus hospitaleiro  
na hora certa o preço da desonra  
daqueles que, com voz harmoniosa,  
cantavam hinos de louvor da noiva  
e seus parentes no himeneu solene.  
A célebre cidade do rei Príamo  
inteira conheceu um canto lúgubre  
que agora entoada em soluçada voz  
entrecortada de lamentações;  
maldizem Páris, o funesto noivo,  
e choram sob o fardo insuportável  
da vida muito mais que desgraçada,  
repleta de terrível amargura  
de verem mortos tantos filhos seus.  
Acolhe alguém um leãozinho em casa,  
tirando ainda tenro da leoa  
e desejoso apenas de seu leite;  
é inofensivo nos primeiros dias;  
dócil, diverte-se com os meninos  
e delicia mesmo os mais idosos,  
em cujos braços deixa-se ficar  
como se também fosse uma criança  
submissa ao ventre e grata, no momento,  
à generosa mão que a alimenta.  
Mas chega o dia em que, depois de grande,  
revela a própria natureza bruta:  
em troca dos cuidados e desvelos  
devora ovelhas e destrói rebanhos  
num trágico banquete sem convite.  
A casa é poluída pelo sangue  
e seus senhores choram desolados  
diante da carnificina enorme;

foi um ministro de desgraça e dor  
que alimentaram por ordem divina.  
Da mesma forma, penso, veio a Tróia  
assemelhando-se antes a prenúncio  
de tempos calmos, de tranqüilidade,  
um frágil ornamento de beleza,  
suave seta que vulnera os olhos  
ou flor de amor que fere corações.  
Mas num instante tudo transmudou-se  
e a esposa recém-vinda converteu-se  
na perdição de um lar, de todo um povo,  
por decisão de Zeus hospitaleiro,  
mandante das lacrimogêneas Fúrias.  
Repetem os mortais há muito tempo  
velhíssimo provérbio: “da fortuna  
imensa de um mortal germinam logo  
males inda maiores para os seus”.  
É diferente o meu entendimento:  
ações iníquas geram fatalmente  
iniquidades umas sobre as outras,  
idênticas em tudo à sua origem;  
porém nas casas onde houver justiça  
jamais filhos perfeitos faltarão.  
Uma arrogância mais antiga gera  
nova arrogância em meio a gente má  
e ao se formar, a vida perpetua  
a audácia ímpia como a sua estirpe,  
destino negro de mil gerações.  
Nos lares mais discretos, todavia,  
pode a justiça cintilar constante  
enaltecendo a existência simples;  
dos palácios dourados onde existem mãos  
impuras ela se retira rápida,  
olhando para onde houver pureza,  
indiferente à força da riqueza  
e às suas glórias feitas de ilusões.  
E guia tudo para o termo certo.

*(À frente de um grande cortejo aparece Agamêmnon, num carro aberto puxado por soldados; atrás, num carro menor, também de pé, vê-se Cassandra. Quando os carros param, os Anciãos do Coro se curvam reverentemente.)*

### **Coro**

Salve meu rei, filho de Atreu, herói de Tróia!  
Nas homenagens justas que te rendo  
procuro resistir à tentação de excessos  
mas não desejo aparentar frieza.  
Alguns mortais apenas cuidam de aparências  
e não se cingem à conveniência.

Dirigem quase todos os infortunados  
olhares de piedade simulada,  
mas o agulhão do verdadeiro sentimento  
não chega ao coração; porém se a hora  
é de compartilhar honestas alegrias  
fingem sentir um júbilo real  
impondo ao rosto indiferente falso riso.  
Ao homem mais vivido, todavia,  
conhecedor de sua grei, de seus amigos,  
jamais iludirão as aparências;  
verá nos corações forçadamente alegres  
a hipocrisia da afeição fictícia.  
Em tempos já passados, quando organizavas  
a expedição para buscar Helena,  
não nego que me pareceste um insensato  
e tívio no timão de tua mente,  
disposto a imolar guerreiros valorosos  
na tentativa de recuperar  
aquela criatura sem pudor algum!  
Hoje, porém, falo com o coração  
e como amigo verdadeiro eu ofereço  
aos vencedores meu devotamento.  
Se quiseres saber descobrirás com o tempo  
quem foi leal contigo ou desleal  
entre os argivos que ficaram por aqui.

*(Abrem-se as portas do palácio e aparece Clitemnestra, seguida por numerosas criadas, detendo-se nos degraus da escada.)*

**Agamêmnon** *(Ainda de pé no carro.)*

Dirijo minha saudação inicial  
à terra argiva e aos benevolentes deuses  
aos quais sou devedor da graça do regresso,  
e por me terem permitido impor a Tróia  
a justa punição de uma total derrota.  
Indiferentes às arengas arrastadas  
e à réplica pouco sincera dos culpados,  
em gesto unânime os deuses depositaram  
seu veredicto na urna sanguinolenta:  
"pereça Ílion, seja destruída Ílion!"  
A urna do perdão permaneceu vazia;  
os votos da esperança não apareceram.  
Até agora o negro fumo dos incêndios  
é testemunha da destruição de Tróia;  
ainda sopram as rajadas do castigo,  
e sobe aos céus, das brasas meio consumidas,  
o odor de uma opulência reduzida a cinzas.  
Por esses fatos temos de testemunhar  
contritamente nossa gratidão aos deuses.  
Levamos à cidade as penas da vingança;

a luta por uma mulher lhe trouxe a ruína  
vinda do monstro argivo, do cavalo enorme  
em cujo bojo estavam os soldados prontos,  
irresistíveis no ataque final a Tróia  
quando as brilhantes Plêiades já declinavam;  
buscando carne humana em todos os redutos  
o régio leão saciou-se de sangue.

*(Voltando-se para o Ancião que o saudara.)*

Foi para as divindades esse longo exórdio.  
E quanto à tua observação, que ouvi de ti  
e guardo na memória, concordo contigo  
e tens em mim um defensor; há poucos homens  
capazes de encarar com naturalidade  
a boa sorte de um amigo, sem inveja,  
pois o veneno da malevolência vence  
e toma posse da alma e dobra as amarguras  
dos torturados pelo sórdido despeito  
diante da visão da ventura dos outros  
em nítido contraste com a má sorte própria.  
Sei distinguir uma amizade verdadeira  
da falsa, e chamo de simulação de sombras  
a hipocrisia dos amigos na aparência.  
Apenas Odisseu, que nos acompanhou  
a contragosto, tendo de enfrentar a luta  
mostrou-se companheiro certo e dedicado;  
esteja ele vivo ou morto, foi assim.  
Quanto ao restante, a respeito desta cidade  
e dos bons deuses, anunciem-se assembléias  
e logo delibere-se em debates públicos.  
Se tudo corre bem devemos ter cuidado  
a fim de que tenha seqüência a boa sorte,  
mas onde houver necessidade de remédio  
livremo-nos das conseqüências da doença  
cauterizando e extirpando o que vai mal.  
Em breve transporei os sólidos umbrais  
de meu palácio e lar, prestando de antemão  
tributo aos deuses que me trazem de regresso  
guiando-me de muito longe. E que a vitória  
permaneça comigo para todo o sempre!

*(Clitemnestra retoma a marcha em direção a Agamêmnon, seguida por  
criadas trazendo longas passadeiras cor de púrpura. Para a certa distância de  
Agamêmnon.)*

**Clitemnestra**

Concidadãos argivos venerabilíssimos  
aqui presentes, não me sinto envergonhada  
de confessar em vossa varonil presença

minha amorosa impaciência muito longa;  
desfaz-se a timidez com o perpassar do tempo.  
Por própria e dura experiência falarei  
de minha insuportável vida solitária  
durante a estada interminável deste homem  
aos pés do altos muros de Tróia antiquíssima.  
Primeiro, é um angústia desesperadora  
permanecer a esposa desacompanhada  
no lar vazio, separada do marido,  
ouvindo maus prognósticos seguidamente  
e recebendo, apreensiva, informações  
reveladoras de reveses repetidos,  
que tem de transmitir ao povo receoso.  
Houvesse esse homem sido mesmo vítima  
dos ferimentos todos que nos relataram  
mais furos haveria em seu corpo forte  
que malhas numa grande rede; tivesse ele  
morrido tantas vezes quanto me disseram,  
então, sem exagero, ele teria tido  
três corpos como Gerión e poderia  
vangloriar-se de seu corpo recoberto  
por manto tríplice de terra, muita terra  
- morte distinta para cada um dos corpos.  
Tais eram os rumores maus, exasperantes,  
que me traziam desespero (muitas vezes  
servas atentas afrouxaram de meu colo  
sinistros, tensos laços de cordas pendentes).  
Por isso e nada mais Orestes, nosso filho,  
depositário de nossa esperança única,  
não se acha mais comigo, como fora próprio.  
Não te pareça estranha sua ausência agora;  
amigo certo cuida dele com desvelo  
- o bom focou Estrófilo, que me pôs a par  
perspectivas duplamente perigosas -:  
os riscos teus na longa luta lá em Tróia  
e a presumível rebeldia aqui do povo,  
capaz de pôr abaixo um dia o fiel Conselho  
que sustentava o teu prestígio, pois bem sabes  
que os homens tripudiam sobre os derrotados.  
Tais previsões me pareceram verossímeis.  
Falando agora um pouco mais de minhas mágoas,  
secou a fonte copiosa de meu pranto  
e não me resta uma só lágrima a chorar.  
Ardiam os olhos em intermináveis  
Vigílias lamentosas, na dilacerante  
expectativa de não ver aparecerem  
lá no horizonte tantas vezes contemplado  
as chamas das fogueiras que não se acendiam.  
E muitas vezes o zumbido malsoante  
de algum mosquito despertava-me de sonhos

repletos de terríveis sofrimentos teus,  
demasiados para sono tão fugaz.  
Hoje, porém, com o coração aliviado  
enfim de tanta e tão cruel ansiedade,  
saúdo neste homem o mastim fiel  
que guarda bem o seu rebanho; o arrimo firme,  
a salvação das naves; a coluna mestra,  
o sustentáculo do teto alto e sólido;  
o filho único de pai muito querente;  
a terra firme divisada pelo nauta  
desesperado e ansioso por salvar-se;  
aurora límpida após noite tormentosa  
e fonte fresca para o viajar sedento  
(é doce ver-nos livres de males ingentes...)  
São merecidos todos esses elogios.  
Fique o despeito amargo bem distanciado,  
pois muitos sofrimentos suportamos antes.  
Agora, criatura amada, sai depressa  
Do carro em que vieste; não, não debes por  
No chão os mesmos pés que devastaram Tróia!

*(Dirigindo-se às criadas.)*

Qual é a razão de tal demora, servas lerdas?  
Pois não mandei atapetar o chão ao longo  
da via que meu rei vai percorrer agora?  
Depressa! Quero ver imediatamente  
em seu percurso bela trilha cor de púrpura!  
A justa mão dos deuses vai encaminhá-lo  
à casa que tão cedo não pensava ver.  
Do resto cuidará, com o favor divino,  
um ânimo que não se entrega nem ao sono,  
obediente às leis exatas do destino.

*(As criadas estendem o tapete cor de púrpura desde o carro em que  
está Agamêmnon até os degraus de acesso ao palácio real.)*

**Agamêmnon** *(Ainda no carro)*

Filha de Lêda, guardiã da minha casa!  
A tua fala se assemelha à minha ausência:  
quiseste-a excessivamente prolongada.  
Os elogios, mesmo quando merecidos,  
a outros convirá dizê-los, não a vós.  
Ainda mais: não quero que me envolvas hoje  
em luxos próprios de mulheres, nem me acolhas  
prostrada e boquiaberta como me apareces  
pois não estás diante de algum ser exótico;  
não debes pôr ressentimento em meu caminho  
ornando-o com tapeçaria suntuosas.  
Tais honrarias cabem só a divindades;

sendo mortal, não vou poder pisar agora  
tapetes requintados sem justos receios.  
Deves honrar em mim um homem, não um deus.  
Tecidos luxuosos e tapetes simples  
são coisas diferentes desde o próprio nome  
e o dom do céu mais precioso é a prudência.  
Só é feliz de fato o homem cuja vida  
transcorre até o fim serenamente próspera.  
Enquanto assim pensar.

***Clitemnestra***

Revela francamente os teus reais propósitos.

***Agamêmnon***

Os meus propósitos já foram revelados.

***Clitemnestra***

Juraste aos deuses, em perigo, ser modesto?

***Agamêmnon***

Se agi assim, moveu-me boa inspiração.

***Clitemnestra***

Se vencedor, que pensas que faria Príamo?

***Agamêmnon***

Decerto marcharia sobre teus tapetes

***Clitemnestra***

Não deves, pois, temer que os homens te censurem.

***Agamêmnon***

É muito forte o julgamento popular.

***Clitemnestra***

Só não existe inveja se não há valor.

***Agamêmnon***

As mulheres não devem sustentar querelas!

***Clitemnestra***

Também os fortes podem dar-se por vencidos...

***Agamêmnon***

Desejas ser a vencedora no debate?

***Clitemnestra***

Confia em mim e condescende na vitória!...

### **Agamêmnon**

Se pensas desse modo manda então, depressa,  
alguém para tirar-me estas sandálias, servas  
da marcha de meus pés; durante meu trajeto  
por cima deste rico adorno cor de púrpura  
não vá olhar de algum dos deuses, ressentido,  
notar-me lá do alto; não desejo  
a ruína desta casa pela vaidade  
de ter calçado sob os pés suntuosos panos.  
E basta quanto a isso.

*(Apontando Cassandra, de pé no carro atrás de Agamêmnon.)*

Cuida gentilmente,  
daquela jovem estrangeira no palácio;  
os deuses todo-poderosos das alturas  
são mais benévolos com o vencedor magnânimo.  
Ninguém aceita o cativo de bom grado.  
A mais formosa flor entre as troianas todas  
faz parte do meu séquito; foi um presente  
oferecido por todos os meus guerreiros.  
Já que depois de ouvir-te resolvi ceder  
a teu pedido, vou entrar em meu palácio  
pisando em púrpura, se isso te contenta.

*(Avançam duas criadas que tiram as sandálias de Agamêmnon.)*

### **Clitemnestra**

Existe o mar inesgotável produzindo  
ininterruptamente a preciosa púrpura  
com que se poderão tingir outros tapetes  
de que dispomos, meu senhor, em quantidade;  
palácios não admitem vis limitações.  
Teria oferecido em minhas longas preces  
muitíssimos estofos para por-te aos pés  
se me mandassem os oráculos fatais  
em tua ausência, quando de qualquer maneira  
pedia a graça de te ver chegar com vida.  
Sabia eu que enquanto há seiva na raiz  
renascer folhas abundantes, que protegem  
a casa da canícula com sua sombra.  
Por isso, quando voltas para a intimidade  
do lar, comparas-te ao retorno do verão  
em pleno inverno; nesses dias em que Zeus  
nos dá o vinho feito das uvas mais ácidas,  
se o ar se torna ameno repentinamente  
é que o senhor, o tipo acabado de homem,  
retorna e vê findarem os seus sofrimentos.  
Zeus! Zeus perfeito! Quero que perfaças hoje  
os meus desígnios! Cuida, então, com todo o empenho

da obra em curso se pretendes perfazê-la!

*(Agamêmnon desce do carro e começa a caminhar sobre a passadeira que as criadas haviam colocado no percurso desde o carro até os degraus de acesso ao palácio. Clitemnestra segue-o juntamente com as criadas. Todos se prosternam à passagem do rei. Após a entrada de Agamêmnon, de Clitemnestra e das criadas, fecham-se as portas do palácio. Cassandra permanece de pé, imóvel, absorta, no carro em que estava>)*

### **Coro**

Por que volteja tanto esse terror  
em torno de meu coração profético?  
Por que insiste assim em vaticínios  
meu canto inevitável, espontâneo?  
Por que não vem a desejada paz  
confortadora e não ocupa logo  
o trono vacilante de meu ânimo,  
livrando-o desse inexplicável pânico?  
Passou o longo tempo em que as amarras  
das naves se cobriam de poeira  
nas vizinhanças da difícil Tróia.  
Meus próprios olhos vêem o regresso  
e deles não iria duvidar,  
mas inda assim minh'alma em sobressalto  
e transbordante inspiração,  
mesmo sem lira entoa o hino lúgubre  
das Fúrias vingadoras e descrê  
da tranqüilizadora expectativa.  
Motivos haverá para que eu sinta  
o coração a palpitar frenético,  
quase saltando, delirantemente,  
no peito onde há o instinto da justiça  
e o dom divino dos presságios certos?  
desejo que jamais se concretize  
a minha desvairada apreensão.  
Saúde exuberante não perdura  
indefinidamente; uma doença,  
vizinha atenta, aguarda sua hora.  
Da mesma forma a fortuna dos homens  
em sua marcha cega, inexorável,  
choca-se um dia contra oculta rocha;  
somente se em manobra sábia um pouco  
da carga preciosa é posta fora  
a nau é salva, salva-se uma parte  
(a casa não soçobra inteiramente,  
embora carregada de aflições).  
Os muitos generosos dons de Zeus  
e as sementeiras ânuas sempre vencem  
a fome; se, porém, o sangue negro  
- sinal veraz de morte violenta -

um dia se derrama e molha a terra,  
nem mesmo com magia da mais forte  
poder-se-á fazê-lo reverter.  
Comenta-se que em tempos remotíssimos  
havia quem ressuscitasse os mortos,  
mas Zeus com seu poder exterminou-o  
deixando os homens sem vãs esperanças.  
Se a cada fado não contrapusessem  
os deuses outro fado, o coração  
me obrigaria a ser mais eloqüente,  
pois ele agora freme na penumbra,  
amargurado, desesperançado  
de ver surgir na mente incendiada  
qualquer idéia mais esclarecida.

*(Reabrem-se as portas do palácio; reaparece Clitemnestra que, dos degraus, se dirige a Cassandra, ainda imóvel no carro.)*

**Clitemnestra**

Vem logo para dentro, tu também, Cassandra  
- ordeno, pois o todo-poderoso Zeus  
mandou-te compartilhar sem mágoa e sem rancor  
a água purificadora desta casa,  
na qual tu poderás morar em convivência  
com muitos servos, não longe do altar dos deuses,  
guardiães fiéis de nossos incontáveis bens.

*(Cassandra continua imóvel no carro.)*

Não sejas orgulhosa! Desce já do carro!  
O próprio filho da divina Alcmene – sabes –  
em tempos idos foi vendido como escravo  
e teve de comer o pão do cativo.  
Se tal destino alguém tiver de suportar,  
não é pequena a graça de ficar submisso  
a nobres donos, de fortuna muito antiga;  
os novos ricos são cruéis com seus escravos,  
em tudo, sempre e sem qualquer comedimento.  
Terás de nós o habitual nessa emergência.

*(Cassandra permanece no carro, em silêncio, como se não tivesse ouvido Clitemnestra.)*

**Corifeu** *(dirigindo-se a Cassandra)*

são para ti, Cassandra, essas palavras claras  
que ela termina de dizer. Se te marcou  
destino amargo, só te resta obedecer,  
se sabes ser obediente (mas duvido  
e creio mesmo que não obedecerás).

**Clitemnestra**

Se ela não fala em sua terra língua exótica  
como a dos bárbaros, vou tentar expressar-me  
de acordo com seu ânimo e a tornarei  
obediente aos mandamentos da razão.

*(Cassandra continua silenciosa.)*

**Corifeu**

Vai logo! Já não tens o direito de escolher;  
o que ela diz é mais conveniente e certo.  
Atende e desce prontamente onde estás.

**Clitemnestra**

Não vou desperdiçar meu tempo aqui com ela.  
Estão lá dentro, junto ao fogo aceso, as vítimas  
selecionadas, prontas para o sacrifício  
(já não contávamos com a graça do retomo);  
e tu, se queres ter a tua parte nele,  
procura andar depressa; se não és capaz  
de compreender-me e não dás conta do que digo,  
faze com as mãos exóticas um simples gesto!

**Corifeu**

Parece que a estrangeira tem necessidade  
de algum intérprete, e bastante perspicaz;  
comporta-se a infeliz como animal selvagem  
recém-cativo, inconformado com as amarras.

**Clitemnestra** *(exasperada)*

Não é apenas isso! Parece demente  
e desvairada, sem perceber o que é:  
troféu de guerra, vinda de terra vencida  
há pouco e saqueada, relutante ao jugo  
até que exale junta com sangrenta espuma  
toda a sua indocilidade impertinente!

*(Clitemnestra afasta-se precipitadamente e volta ao palácio.)*

**Corifeu**

Eu, todavia, não me sinto exasperado,  
pois tenho pena dela. Vai, desventurada!  
Apeia deste carro! Cede ao teu destino!  
Recebe pela vez primeira o jugo duro!

*(Cassandra desce do carro e, entre soluços, fala em tom lastimoso a princípio e depois exaltado, como se estivesse em transe.)*

**Cassandra**

Ai! Apolo! Apolo!

**Corifeu**

Por que invocas entre lagrimas Apolo?

**Cassandra**

Ai! Apolo! Apolo!

**Corifeu**

Invocas outra vez, no mesmo tom sinistro,  
o deus que nada tem a ver com pranto e dor.

**Cassandra**

Apolo! Apolo dos caminhos! Perco-me!  
Perdeste-me, cruel, mais uma vez!

**Corifeu**

Ela parece adivinhar os próprios males;  
é certo que os cativos tem o dom profético.

**Cassandra**

Apolo! Apolo dos caminhos! Perco-me!  
Por onde me encaminhas? A que lar?

**Corifeu**

À casa dos Atridas; se não percebeste,  
é hora de saber; e não dirás que minto.

**Cassandra**

Sim, detestada pelos deuses, cúmplice  
de numerosas decapitações,  
de fratricídios estarrecedores,  
ensangüentado matadouro de homens!

**Corifeu**

Essa estrangeira mais parece um cão de caça  
a farejar; a trilha há de levá-la a mortes.

**Cassandra** (*Apontando e olhando fixamente o chão.*)

Aqui está uma evidência tétrica!  
Crianças choram, os cutelos matam-nas  
e o próprio pai devora-lhes as cames!

**Corifeu**

É difundida a fama de teus vaticínios,  
mas não necessitamos de qualquer profeta.

**Cassandra**

Ai! Ai de mim! Que se prepara agora?  
Que insólitos, enormes sofrimentos,  
e enormes males se tramam aqui,

insuportáveis para meus amigos?  
E como ainda está distante a ajuda...

**Corifeu**

Não decifrei as derradeiras profecias,  
mas entendi as expressões iniciais,  
assunto invariável de toda a cidade.

**Cassandra**

Ah! Miserável! Até isso ousas?  
Banhando teu esposo e companheiro...  
(não posso... como descrever o fim?).  
Veremos logo; e mão ajuda mão  
a levantar-se, pronta para o golpe.

**Corifeu**

Não posso ainda perceber, pois dos enigmas  
descambas para ditos dúbios e sombrios  
e fico pasmo sem saber o que pensar.

**Cassandra**

Oh! Que visão é essa? Uma mortalha?  
Não! Não! O véu fatal que julgo ver  
vem dela, companheira de seu leito  
e cúmplice do crime. Vocifera  
o bando furioso que persegue  
ainda e sempre essa eminente raça;  
com gritos rituais festeja o feito  
que só a mais severa pena pune!

**Corifeu**

Por que lembrar agora as Fúrias vingadoras?  
Tuas palavras deixam-me sobressaltado.

**Coro**

Sobe de súbito ao meu coração  
o sangue já sem cor, como se fora  
de golpe por onde se esvai a vida  
na hora de chegar a morte célere.

**Cassandra**

Ah! Vede! Vede! A vaca vence o touro!  
Envolve-o em seu véu insidioso  
e pelos comos negros o domina!  
Descrevo a traição mortal de um banho!

**Corifeu**

Embora não me julgue intérprete atilado  
de profecias, nestas antevejo males.

**Coro**

Jamais as profecias comunicam  
mensagens agradáveis aos mortais;  
os palavrosos dons oraculares  
sugerem desventura e causam medo.

**Cassandra**

Ai! Infeliz de mim! Destino atroz!  
É a torrente de meu sofrimento  
que soluçando ponho nas palavras!  
Por que me conduziste até aqui?  
Para morremos juntos? Ai!... Por quê?

**Coro**

Estás alucinada e certamente  
alguma divindade te domina;  
entoas um canto desencantado,  
tal como o pardo rouxinol tristonho  
chorando interminavelmente "Ítis",  
"Ítis", por toda a desolada vida.

**Cassandra**

Destino do sonoro rouxinol!  
Deram-lhe os deuses o dom de voar;  
a vida não lhe pesa, nem o pranto;  
e a mim me espera a espada de dois gumes  
que sinto já em volta do pescoço.

**Coro**

Não cessam as lamentações proféticas,  
às vezes ditas com suavidade,  
às vezes proferidas entre gritos.  
Por que a trilha de teus vaticínios é cheia de sinistras previsões?

**Cassandra**

Ah!.. Bodas... Bodas trágicas de Páris,  
completa perdição de todo um povo!...  
Ah!... Escamandro onde bebia Tróia...  
Em teus barrancos (infeliz de mim!...) outrora fui criada com desvelo,  
e agora? Irei cantar daqui a pouco  
as minhas profecias verdadeiras  
ao longo do Cocito e do Aqueronte!

**Coro**

É claro o teu oráculo; percebo-o  
(até crianças o decifriam);  
imensa dor e pena me comovem  
ao discernir o teu destino adverso;  
teus gritos ferem-me profundamente.

**Cassandra**

Ah!... Penas... Penas de minha cidade  
definitivamente destruída!...  
Meu pai! Ah!... Quantas vezes receberam  
os deuses generosas oferendas  
de muitas reses que sacrificavas  
em seus altares!... Tudo foi inútil  
e Tróia pereceu da mesma forma;  
eu mesma vejo, em delírio febril,  
chegar a hora de cair por terra.

**Coro**

Enquadra-se nos outros vaticínios  
a predição do fado que te espera.  
Decerto algum espírito maligno  
desceu pesadamente sobre ti  
e te constrange a derramar as lágrimas  
predecessoras da terrível morte.

**Cassandra** *(Em tom mais sereno.)*

Agora basta. Vamos! Minha profecia  
não mais se mostrará envolta em véus sutis,  
como aparecem as recém-casadas tímidas,  
mas clara qual rajada fresca, sussurrante,  
na madrugada quando vem surgindo o sol  
- onda diáfana aspirando a envolvê-lo.  
Vai atingir-me agora o mal maior de todos.  
Não mais vos estarecerei com meus enigmas  
e sabereis que, recuando nos caminhos,  
farejo as marcas de homicídios antiquíssimos.  
De baixo deste teto nunca se afastou  
um coro unísono mas não harmonioso:  
em tudo que ele canta nada há de bom.  
Provando sangue humano, que o torna pior,  
um bando ruidoso ronda este palácio  
ininterruptamente: são as rubras Fúrias,  
as implacáveis sanguessugas desta raça.  
Enraizadas em recônditos recessos,  
estão cantando o canto do primeiro crime;  
depois amaldiçoam o leite fraterno  
lançando imprecações a quem o maculou.  
Estou errada, ou como arceiro competente  
plantei certa flecha no visado alvo?  
Sou falsa profetisa, das que vão bradando  
de porta em porta?

*(Dirigindo-se ao Corifeu)*

Jura! Quero que confirmes  
as minhas alusões aos crimes desta casa!

**Corifeu**

A afirmação do juramento  
mais solene poderia curar tantos, tão grandes males?  
É de pasmar, porém, que vinda de tão longe,  
lá do outro lado do oceano imenso, saibas  
tão bem de certos velhos fatos ocorridos  
em um país remoto como quem os viu.

**Cassandra**

Apoio, deus-profeta, deu-me a sua força.

**Corifeu**

Então o deus te desejou, a ti, mortal?

**Cassandra**

Até *agora* tive pejo de dizê-lo.

**CORIFEU**

Nos dias venturosos somos susceptíveis.

**Cassandra**

Não foi sem luta que me conquistou o deus  
resfolegante de incontido, ardente amor.

**Corifeu**

Os ritos amorosos foram praticados?

**Cassandra**

Não, muito embora eu promettesse ao deus.

**Corifeu**

Antes exercitaste esse teu dom profético?

**Cassandra**

Vaticinei a meus concidadãos troianos  
os males e desastres que os arruinariam.

**Corifeu**

E não te perseguiu a cólera de Apoio?

**Cassandra**

Depois que o enganei, fugindo a seus desejos,  
não mais se dava crédito a meus vaticínios.

**Corifeu**

Mas tuas profecias já nos convenceram.

**CASSANDRA** (*Novamente agitada.*)

Ai! Ai de mim! Desgraça! Torna a dominar-me  
o torvo turbilhão dos ímpetos proféticos  
alucinando-me com seu refrão horrível!  
Estais também agora vendo junto à porta  
frágeis figuras infantis fantasmagóricas  
iguais a formas espectrais em pesadelos?  
Parecem criancinhas mortas por aqueles  
que deveriam dedicar-lhes todo o amor!  
As mãos repletas de sanguinolenta carne  
- da própria carne (ai! confrangedora carga...) -,  
entranhas, vísceras que um monstruoso pai  
ousou, infame, aproximar de sua boca!  
Prevejo e vos declaro que um leão covarde  
lá dentro premedita, no seu próprio leito,  
vingança insidiosa contra meu senhor  
que volta (ai de mim... lerei de suportar  
por toda a vida o jugo da subserviência...).  
O comandante de incontáveis naus guerreiras,  
destruidor de Ílion, não percebe ainda  
os golpes assassinos que a cadela odiosa  
sordidamente lhe prepara, bajulando-o,  
com língua hipócrita e contentamento falso  
- flagelo traiçoeiro com desígnios torpes  
que o fado inelutável torna realidade.  
Audácia enorme! A fêmea mata o próprio macho!  
A que bifronte monstro repugnante, víbora  
ou Cila moradora em rochedos ocultos,  
desolação de infortunados marinheiros,  
irei pedir o mais horripilante nome,  
conforme a essa mãe do infemo, furiosa,  
resfolegando a destruição de sua gente?  
E o grito de triunfo da mais que atrevida,  
como se fosse a vencedora de um combate!  
Fingindo júbilo diante do regresso!  
Se me dão crédito, ou se não, é indiferente.  
Que importa? O que tiver de acontecer virá.

*(Dirigindo-se ao Corifeu.)*

Tu mesmo, aqui presente, dentro de momentos,  
hás de reconhecer em mim, horrorizado,  
a profetisa verdadeira até demais!

### **Corifeu**

Sei que falaste do banquete de Tiestes  
e estremeci ouvindo a verdade total;  
domina-me o terror que disfarçar não posso;  
mas quanto às outras alusões estou em dúvida;  
não consegui acompanhar-te em teu caminho.

**Cassandra**

Verás - confirmo agora - a morte de Agamêmnon.

**Corifeu**

Ah! Infeliz!... Ou fala bem, ou cerra os lábios!

**Cassandra**

Não há remédio para as minhas predições.

**Corifeu**

Se for destino, mas desejo que não seja.

**Cassandra**

Formulas precês; outros cuidam de matar.

**CORIFEU**

Que homem se dispõe a praticar o crime?

**Cassandra**

Sem dúvida te foge a minha profecia!

**Corifeu**

Decerto; não percebo planos criminosos.

**Cassandra**

Eu, todavia, falo bem a língua helênica.

**Corifeu**

Também a pitonisa, que ninguém entende.

**Cassandra**

Ah! Quanto fogo (quanto!) avança para mim!  
Meu Deus! Apoio Lício! Ai!... E eu? E eu?  
Pois a leoa de dois pés, unida ao lobo  
na ausência do leão feroz, matar-me-á.  
Ai! Infeliz de mim! Na taça de veneno  
que manipula já está a minha parte.  
Com o pérfido punhal que afia vai vingar-se  
do esposo inerte apenas por me haver trazido  
com ele, misturada aos seus troféus de guerra.  
Por que razão conservo ainda este meu cetro  
e em volta do pescoço este colar profético?  
Por que escamecer agora de mim mesma?

*(Cassandra parte o cetro e arranca o colar de seu pescoço.)*

Ao menos isso não me sobreviverá!  
Desapareçam! Vingo-me despedaçando-os!  
Sirvam a outros tais insígnias, não a mim!  
Não estais vendo? Apolo me despoja hoje

de meu profético aparato, agora inútil;  
vestida nessas mesmas roupas, humilhada,  
escarnecida por amigos e inimigos  
unânimes, igual a charlatã sem rumo  
sou maltratada qual mendiga maltrapilha!  
E quantas outras provações já suportei...  
A morte é o desenlace a que o deus profeta  
destina a profetisa que antes inspirou.  
Em vez do altar de meu augusto pai, aguarda-me  
um cepo de patíbulo todo vermelho  
do sangue borbulhante de outros sacrifícios.  
Mas não há morte sem vingança de algum deus.  
Virá um dia mais um vingador - o nosso –  
nascido para exterminar a própria mãe  
e castigar a morte inglória de seu pai.  
Um exilado errante, expulso desta terra,  
regressará para assentar a pedra última  
neste edifício das inúmeras desgraças  
impostas a esta raça antigamente próspera.  
Um juramento foi solenemente feito  
e confirmado pelos deuses inflexíveis:  
há de o patemo apelo ingente, cedo ou tarde,  
fazê-lo retornar inevitavelmente.  
Por que fazer ouvir ainda a minha voz  
pungentemente lamentosa? Vi primeiro  
o fim de minha Tróia, toda destruída,  
e agora seus captos, por divino mando,  
estão chegando a esse desenlace triste.  
Aceitarei o meu destino com firmeza;  
serei valente ao enfrentar a morte certa!  
Jorre o meu sangue de certo golpe, e rápido,  
e a doce morte, sem espasmos e agonia,  
venha fechar-me os olhos na hora final!

**Corifeu**

Falaste longamente, mulher infeliz,  
e foste bem sensata; mas se na verdade  
a própria morte já prevês, por que enfrentas  
o sacrifício com tanta resignação  
que mais pareces dócil, plácida novilha  
votada como de costume ao holocausto?

**Cassandra**

Não vejo salvação... Estrangeiros, é tempo...

**Corifeu**

Mas vale muito, creio, a hora derradeira.

**Cassandra**

Chegou a hora... Lutas não me salvarão...

**Corifeu**

És corajosa! Não te abate a desventura.

**Cassandra**

Tais elogios não ouve quem é feliz...

**Corifeu**

Mas é um mérito enfrentar assim a morte.

**CASSANDRA**

Pobre de ti, meu pai, e de teus nobres filhos!...

*(Cassandra faz menção de entrar no palácio, mas recua com uma expressão de horror.)*

**Corifeu**

Que há? Por que recuas aterrorizada?

**Cassandra**

Ai!... Ai!...

**Corifeu**

Por que gemidos? Só se há em tua mente alguma imagem monstruosa que não vemos.

**Cassandra**

Odor de sangue e morte sai deste palácio!

**Corifeu**

São vítimas sacrificadas nos altares...

**Cassandra**

Parecem as exalações de sepulturas!

**Corifeu**

Não sabes que em palácios há incensos sírios?

**Cassandra**

É meu destino... Vou, então, chorar lá dentro por mim, por Agamêmnon... Basta desta vida!

*(Cassandra encaminha-se novamente para o palácio, mas torna a recuar.)*

Ai, estrangeiros!... Não recuo sem motivos como se fosse frágil pássaro medroso. Apenas peço-vos que após meu triste fim testemunheis no dia predeterminado a morte aqui por mim, mulher, de outra mulher

e o mesmo fim de um homem para desagravo  
de outro homem morto agora pela própria esposa.  
É esta a minha súplica na hora extrema.

**Corifeu**

Ah! Infeliz!... Lamento a sina que prevês...

**Cassandra**

É meu desejo ainda dedarar-vos algo.  
Não vou agora começar um canto fúnebre;  
imploro ao Sol, diante desta luz mortiça,  
que dê aos inimigos fim igual ao meu,  
aos assassinos de uma escrava, presa fácil.  
É triste e sem remédio a sorte dos mortais...  
Esboça-se a ventura em traços imprecisos;  
os males chegam logo, como esponja úmida,  
e num instante apagam para sempre o quadro.

*(Entrando no palácio.)*

É isso que me faz sofrer ainda mais!

**Coro**

Ninguém se cansa da prosperidade.  
Não lhe resistem nunca as criaturas  
nem se adiantam a fechar-lhe as portas  
bradando, o dedo em riste: "Não penetres!"  
Os deuses concederam a Agamêmnon  
apoderar-se da famosa Tróia  
e regressar honrado pelos céus;  
mas se hoje deverá pagar o sangue  
por outros antes dele derramado  
e pelos mortos hoje vai morrer  
acarretando mortes no futuro,  
qual dos mortais, diante destes fatos,  
pode gabar-se de ter vindo ao mundo  
com um destino isento de tristezas?

*(Ouve-se um grito no interior do palácio.)*

**Agamêmnon** *(de dentro do palácio.)*

Ai que me matam!... Fui ferido mortalmente!

**Corifeu**

Silêncio! Quem grita, ferido por golpe mortal?

**Agamêmnon**

Ai! Novamente! Ferem-me mais uma vez!

**Corifeu**

Consuma-se o crime! Distingo os soluços do rei;

unamo-nos todos, amigos, e deliberemos!

(Os anciãos do Coro opinam sucessivamente.)

**1.º Ancião**

Num átimo vos digo a minha opinião:  
chamemos já povo e vamos ao palácio!

**2.º Ancião**

Ajamos neste instante! Ataquemos agora  
enquanto alguém empunha a espada ensangüentada!

**3.º Ancião**

É esta justamente a minha convicção;  
não temos tempo para vãs divagações!

**4.º Ancião**

Vejamos; pode ser apenas o prenúncio  
de planos que nos levarão à tirania...

**5.º Ancião**

... porque estamos indecisos! Eles agem  
e não se dão ao luxo tolo de hesitar!

**6.º Ancião**

Não sei o que fazer em tal situação,  
mas antes de atuar convém deliberar.

**7.º Ancião**

Essa também é minha idéia, pois os mortos  
não podem ser ressuscitados com palavras.

**8.º Ancião**

O quê? Apenas por cuidar de nossas vidas  
cedemos ante a usurpação abominável?

**9.º Ancião**

De modo algum! Melhor seria então morrer!  
A tirania é mal pior que a própria morte!

**10.º Ancião**

E nós aqui, apenas por ouvir gemidos  
iremos afirmar que há um homem morto?

**11.º Ancião**

Devemos ter certeza antes de revoltar-nos;  
conjeturar e ver são coisas diferentes.

**12.º Ancião**

Meu voto é a favor desta ponderação;

certifiquemo-nos da sorte de Agamêmnon.

(Os anciãos fazem menção de marchar em direção ao palácio. Abrem-se as portas. Os anciãos param. Vêem-se no interior os corpos de Agamêmnon e de Cassandra, estirados no chão e cobertos com panos. Ao lado dos cadáveres, em pé, Clitemnestra, com o rosto e as mãos manchados de sangue. Os anciãos entram no palácio, para cujo vestibulo, onde estão os cadáveres, a cena se transfere.)

**Clitemnestra** (Dirigindo-se aos anciãos.)  
Palavras numerosas disse-vos há pouco,  
ditadas obviamente pelas circunstâncias,  
e não me pejo de contradizer-me agora;  
de outra maneira, como poderia alguém,  
premeditando destruir um inimigo  
e tendo de fingir desnorteante apreço,  
dissimular o véu diáfano, envolvente,  
de uma cilada certa, sem qualquer salda,  
mantendo-o bem distante de olhos indiscretos?  
Contemplo enfim o resultado favorável  
de planos pacientemente preparados.  
Estou aqui exatamente no lugar  
em que seguida e firmemente o golpeei  
no cumprimento de missão apenas minha.  
Os fatos foram estes, não irei negá-los:  
a fim de obstar qualquer defesa ou reação  
em tentativa de fugir ao seu destino,  
emaranhei-o numa rede indestrutível  
igual às manejadas pelos pescadores,  
mas para ele um manto fértil em desgraças;  
então feri-o duas vezes e seus membros  
depois de dois gemidos imobilizaram-se.  
Embora o visse já tombado, inanimado,  
ainda o golpeei pela terceira vez,  
em oferenda ao grande Zeus das profundezas,  
senhor dos mortos; estendido ali no chão,  
a vida se lhe foi no último suspiro  
cortado por golfadas de sangue abundante  
que me molhou com suas gotas cor de púrpura,  
mais agradáveis para mim que a própria chuva  
mandada pelos deuses para a terra ávida  
na época em que as flores todas desabrocham.  
Argivos veneráveis, tudo vos foi dito;  
se ainda tendes alegria, alegrai-vos.  
Exulto com meu ato, se quereis saber,  
e se me parecesse até conveniente  
naquele instante derramar sobre o cadáver  
sagradas libações, seria muito justo,  
justíssimo seria meu procedimento;  
se este homem fez a taça transbordar

das maldições inumeráveis desta casa,  
é natural que a sorva hoje de um só trago!

**Corifeu**

É de pasmar essa linguagem afrontosa!  
Vangloriar-se de matar o próprio esposo!...

**Clitemnestra**

Pretendes pôr à prova os sentimentos meus  
como se eu fosse uma mulher desatinada;  
estou falando claro, o coração impávido;  
entenda-me quem for capaz; e quanto a ti,  
se me censuras ou me louvas tanto faz.  
Quem jaz aí é Agamêmnon, meu esposo,  
morto por obra desta minha mão direita,  
guiada só pela justiça; tenho dito.

**Coro**

Mulher! Que erva má terás provado,  
criada pela terra, ou beberagem  
das ondas agitadas te infundiu  
tanta ousadia para tal delito  
e para fazer frente à maldição  
pronunciada pela gente argiva?  
Tu o traíste, tu o golpeaste!  
Serás banida, viverás sem pátria,  
alvo do ódio unânime do povo!

**Clitemnestra**

Agora me condenam ao amargo exílio,  
ao ódio da cidade, à maldição do povo,  
mas contra este homem nada foi falado.  
No entanto ele, sem escrúpulos, sem dó,  
indiferentemente, como se lidasse  
com algum irracional (e havia numerosos  
em seus velosos, cuidadíssimos rebanhos),  
sacrificou a sua própria filha - e minha -,  
a mais querida que saiu deste meu ventre,  
apenas para bajular os ventos trácios!  
Não era esse pai cruel quem merecia  
ter sido desterrado, expulso deste solo  
em retribuição ao crime inominável?  
Comigo sois severos; quero prevenir-vos  
diante das presentes ameaças vossas:  
se fordes vencedores não hesitarei  
em submeter-me humildemente às vossas mãos.  
Mas se o contrário for mandado pelos deuses  
embora tarde aprendereis a ser prudentes!

**Coro**

És arrogante em todas as palavras  
e vocíferas insensatamente.  
Tão desvairado esta o teu espírito  
que ostentas como se fosse um adorno  
o sangue que te mancha ainda o rosto!  
Repudiada até pelos amigos,  
terás o fim que deste a teu esposo!

### ***Clitemnestra***

Ouvi também a minha decisão jurada:  
pela justiça feita em nome de uma filha,  
pelo Destino, pelas Fúrias vingadoras  
a quem dedico o sacrifício deste homem,  
minha esperança não dará lugar ao medo  
enquanto o fogo for aceso neste lar  
por meu amigo Egisto, o mais fiel de todos;  
escudo frágil para mim não será ele!  
Aí está por terra o homem que humilhou  
a própria esposa entregue à triste solidão  
mas foi o encanto das Criseidas lá em Tróia.  
Pois junto ao dele está o corpo inanimado  
de sua escrava, sua amante, profetisa,  
capaz vidente, companheira de seu leito,  
freqüentadora das barracas dos soldados.  
Não foi imerecida a sorte que tiveram.  
Morreu calado o homem, e ela, como um cisne,  
cantou, morrendo, o seu lamento derradeiro,  
caindo ternamente ao lado de Agamêmnon.  
Ele por certo a trouxe para seu deleite  
mas foi o meu triunfo que ela ornamentou!

### ***Coro***

Por que não temos logo um fim tranqüilo,  
sem lentas agonias? Quero agora  
o sono sem remédio, interminável,  
pois está morto o nosso protetor.  
Uma mulher tirou-lhe aqui a vida  
que expôs por causa de outra tantas vezes!  
Ah! Louca Helena!... Foste a causa única  
da destruição de muitas, muitas vidas  
ao pé dos muros da arrogante Tróia!  
Deste a teu feito o último retoque,  
inesquecível e desesperado  
desse indelével sangue derramado!  
A surda desavença entrando em casa  
levou um homem a terrível morte.

### ***Clitemnestra*** (agora na mesma entonação do Coro)

Não há porque chamar agora a morte  
se vos abate um golpe insuportável.

Por que lançar inteiro sobre Helena  
rancor tão grande? Não deveis tampouco  
atribuir-lhe a perdição dos gregos,  
como se ela tivesse destruído  
tão numerosas vidas e causado  
em tantos corpos chagas incuráveis.

**Coro**

Gênio do mal que cais sobre esta casa  
e tombas sobre a frente dos Tantálidas!  
Teus trunfos neste jogo em que triunfas  
despedaçando os nossos corações  
são damas de almas gêmeas na aparência!  
Corvo maligno espezinhando um morto,  
ei-la cantando cheia de arrogância  
o hino apropriado aos vencedores!

**Clitemnestra**

Agora corrigistes as palavras  
de vossas bocas, pois vos referistes  
ao gênio insaciável que persegue  
inexoravelmente esta família.  
A sede atroz de sangue nos vem dele,  
enraizada em nosso próprio ser;  
não foi curada ainda a chaga antiga  
e já feridas novas aparecem.

**Coro**

O gênio de que falas certamente  
é poderoso e cheio de rancor.  
Ah! Dolorosa, triste evocação  
de tanto horror contido num destino!...  
Foi Zeus, que tudo faz e causa tudo!...  
Nada acontece a nós, mortais, sem Zeus.  
Que pode haver sem o querer divino?  
Meu rei! Meu rei! Como chorar por ti?  
Que te dirá meu coração amigo?  
O corpo envolto na teia de aranha,  
exalas o suspiro derradeiro  
colhido por impiedosa morte!  
É doloroso ver-te assim caído  
em leito ignóbil, traiçoeiramente  
ferido por espada de dois gumes  
brandida pela mão da própria esposa!

**Clitemnestra**

Ouais então dizer que este feito  
somente a mim se há de atribuir?  
Não deveis mesmo acreditar que eu seja  
a esposa de Agamêmnon; sob a forma

da companheira deste homem morto  
foi na verdade o gênio vingador  
acerbo e antiquíssimo de Atreu,  
do anfitrião cruel, que se quitou  
do sacrifício ímpio de crianças  
ao imolar agora este guerreiro.

### **Coro**

Que testemunho irás oferecer  
de que estás inocente deste crime?  
De que maneira? Sim! De que maneira?  
Mas pode a maldição de antigas eras  
ter sido realmente a tua cúmplice.  
Se o negro Ares faz correr o sangue  
é para que justiça seja feita  
às inocentes pequeninas vítimas  
outrora devoradas aos pedaços.  
Meu rei! Meu rei! Como chorar por ti?  
Que te dirá meu coração amigo?  
O corpo envolto na teia de aranha,  
exalas o suspiro derradeiro  
colhido por impiedosa morte!  
E doloroso ver-te assim caído  
em leito ignóbil, traiçoeiramente  
ferido por espada de dois gumes  
brandida pela mão da própria esposa!

### **Clitemnestra**

Não considero inglório seu destino;  
não trouxe ele para sua casa  
a morte insidiosa, impiedosa?  
Tendo sofrido pelo mal causado  
à minha filha e dele - a Ifigênia tão  
infeliz - (tal feito, tal castigo),  
não há de ter motivos lá no Hades  
para jactar-se; digo sem remorso:  
tombando morto sob a espada aguda  
ele pagou pelo que fez primeiro!

### **Coro**

Não posso mais guiar meus pensamentos;  
não sei sequer qual será meu caminho  
ao ver desmoronar-se este palácio.  
Domina-me desmesurado medo  
da chuva próxima de sangue humano  
que já abala as bases desta casa;  
e não se trata mais de simples gotas!  
Já o destino as amas da justiça  
afia para nova punição!  
Ah! Terra! Terra! Tu não me tragaste

apenas para que eu visse este corpo  
jazendo neste féretro rasteiro  
bordado de ornamentos prateados!  
Quem há de conduzi-lo à sepultura?  
Quem cantará os hinos lamentosos?

*(Voltando-se para Clitemnestra.)*

Ou tu, que assassinaste o próprio esposo,  
tu o farás, terás o atrevimento  
de completar entre muitos soluços  
o teu nefando, abominável crime  
com atos de fingida piedade  
endereçados ao espectro dele,  
com a intenção agora manifesta  
de minorar esta injustiça enorme?  
E quem há de fazer-lhe nesta hora  
um elogio fúnebre adequado,  
chorando o grande herói com fáceis lágrimas  
e o coração sinceramente triste?

***Clitemnestra***

Nenhum destes cuidados te compete.  
Fui eu quem o feriu, quem o matou;  
eu mesma o levarei à sepultura,  
mas sem que seus parentes o lamentem.  
Sua filha infeliz (triste Ifigênia!)  
irá solícita ao encontro dele  
no rio célere das aflições  
e ternamente há de beijar-lhe as mãos.

***Coro***

Baixaça vem juntar-se a mais baixaças!  
Julgar é tão difícil!... É levado  
quem quer levar e quem mata é punido.  
Enquanto o grande Zeus mandar no mundo  
terá valor um mandamento seu:  
“quem for culpado há de sofrer castigo”.  
Que mão será capaz de remover  
daqui a origem de tamanhos males?  
A raça está atada à perdição!

***Clitemnestra***

São verdadeiras essas expressões.  
Eu mesma vou jurar neste momento  
diante do pernicioso espírito  
dos Plistenidas que estou sossegada  
e satisfeita com minha proeza,  
por mais insuportável que pareça.  
Afaste-se com ele para sempre

de nós e deste lar e vá ligar-se  
a outra raça essa fatalidade  
de tantos crimes entre a mesma gente!  
Escassos bens me bastarão se apenas  
puder livrar de vez a minha casa  
desse delírio de extermínio mútuo!

*(Aparece Egisto, vindo do interior do palácio, seguido de guardas armados.)*

**Egisto**

Animadora luz do dia da justiça!  
Chegou enfim a hora de dizer que os deuses,  
cuja missão mais certa é castigar os homens,  
vigiam lá do alto os crimes cá na terra,  
pois neste instante para meu contentamento  
diviso esta criatura morta, o corpo envolto  
num véu tecido pelas Fúrias vingadoras,  
pagando plenamente os crimes de seu pai.  
De fato, Atreu, senhor de todo este país  
e pai deste homem, expulsou o bom Tiestes  
- meu pai e seu irmão, para falar mais claro -  
do próprio lar e da cidade onde vivia,  
imaginando o seu poder ameaçado.  
Voltando um dia como simples forasteiro,  
Tiestes, o infeliz, foi recebido bem  
(não o mataram logo e naquele momento  
seu sangue nobre não manchou o solo pátrio).  
Atreu, pai deste homem ímpio, simulou  
acolhimento falsamente cordial  
e pretextando assinalar condignamente  
um dia de holocausto, regalou meu pai  
com os corpos retalhados de seus pobres filhos.  
No prato enorme, embaixo foram postos antes  
os pés e as mãos e por cima, para escondê-los,  
outros pedaços das crianças desmembradas.  
O prato foi dado a meu pai, conviva único;  
sem distinguir de pronto a trágica verdade  
meu pai comia, sem saber, uma iguaria  
fatal à sua raça, mas ao perceber  
tardiamente o que até então comera,  
ergueu-se, recuou e entre gritos horríveis  
e vomitando alguns pedaços que engolira  
lançou tremenda maldição sobre os Pelópidas.  
Desfez a pontapés a mesa do banquete  
e repetiu alucinado a imprecação:  
“assim pereça a raça inteira de Plístenes!”

*(Dirigindo-se ao Corifeu.)*

Por isso vês agora este homem morto aqui.  
Eu, por direito, deveria planejar  
a morte dele, pois após o crime hediondo  
fui desterrado com meu pai, de quem eu era  
terceiro filho, frágil criança inocente;  
chegado à juventude, a pertinaz justiça  
mandou-me de retomo para essa vingança  
e embora me encontrasse longe de Agamêmnon  
foi-me possível finalmente exterminá-lo,  
tecendo a trama toda que o levou à morte.  
Neste momento, até morrer seria bom,  
pois o castigo o envolveu em suas malhas

**Corifeu**

Detesto, Egisto, o atrevimento dos perversos!  
Afirmas que, por tua deliberação,  
exterminaste este homem e tramaste só  
o crime deplorável e te ufanas dele!  
Pois bem: garanto que na hora do castigo  
tua cabeça não escapará ao ódio  
do povo e tu serás maldito, apedrejado!

**Egisto**

Não reconhecês teu lugar inferior  
e ousas apresentar-te desta forma insólita  
aos detentores do poder, a teus senhores?  
És velho mas é sempre tempo de aprender  
a falta que ainda te faz a precaução.  
Grilhões e fome são dois médicos magníficos  
e podem conseguir a cura até de velhos.  
Se não enxergas isso, para que tens olhos?  
Jamais invistas contra os agulhões em riste,  
pois do contrário hás de sofrer a cada embate.

**Corifeu**

Mulher! Tu és mulher, tu, que permaneceste  
refestelado em casa, apenas esperando  
os homens empenhados em combates árdios!  
Enquanto desonravas um leito de herói,  
covardemente meditavas o assassínio  
de um corajoso comandante de guerreiros!

**Egisto**

Mais lágrimas farão brotar tuas palavras!  
A voz de Orfeu não era em nada igual à tua:  
enquanto aquele subjugava os seres todos  
com a sedução de sua voz irresistível,  
a tua vociferação te perderá.  
Logo hás de ver-te dominado pela força!

**Corifeu**

Procedes como se pudesses vir a ser  
o rei da numerosa e brava gente argiva,  
tu, que tramaste apenas, tu, que não ousaste  
executar com tuas próprias mãos o crime!...

**Egisto**

Por semos inimigos eu era suspeito;  
só a mulher havia de enganá-lo, é óbvio.  
Agora, com seus preciosos bens, já posso  
tentar sem mais demora dominar o povo;  
os insubmissos ao inevitável jugo  
serão todos dobrados implacavelmente  
e não terão o tratamento cuidadoso  
oferecido aos potros de primeira linha;  
hão de domá-los as trevas e a fome amargas.

**Corifeu**

Por que, então, vencendo tua covardia,  
não mataste o herói com tuas próprias mãos?  
Por que deixaste urna mulher assassiná-lo,  
flagelo de nossa cidade e de seus deuses?  
Ah! Praza aos céus que Orestes veja ainda a luz  
e volte, conduzido pelos fados bons,  
e dê a esses dois a morte merecida!...

**Egisto**

Se pensas que tolerarei indefinidamente os teus insultos  
enganas-te! Avante, meus soldados! A tarefa não findou!

**Corifeu** (*dirigindo-se aos demais anciãos.*)

Avante vós também! Espadas preparadas! Prontos para a luta!

**Egisto**

Também a minha mão está em gualda! Não receio a própria morte!

**Corifeu**

Morrer agora te parece natural e isso é bom augúrio!

*(Os anciãos, soltando os bastões, empunham as espadas que traziam na cintura)*

**Clitemnestra** (*dirigindo-se primeiro a Egisto e depois aos anciãos.*)

Não, por favor, amado meu! Não desencadeemos mais desastres!  
São excessivas as desgraças ocorridas (dolorosa messe!).  
Estamos fartos de aflições. Já basta o muito sangue derramado.  
Ilustres anciãos! Deveis agora retomar aos vossos lares;  
deveis curvar-vos antes que vos cheguem males novos e maiores.  
Era fatal o que fizemos; aceitemos resignadamente  
as muitas atribulações passadas, golpes quase insuportáveis

que algum espírito funesto desferiu, seguidos, sobre nós.  
Palavras de mulher também são dignas de atenção; ouvi-as, pois!

***Egisto***

Mas eles continuarão lançando contra mim palavras ásperas  
e vomitando imprecções que lhes trarão maiores sofrimentos.  
Perderam a medida da prudência e mesmo ultrajam seus senhores!

***Corifeu***

Não é da natureza dos argivos adular os homens vis!

***Egisto***

Verei chegar em breve o dia de vingar-me deste atrevimento!

***Corifeu***

Não verás esse dia! Um deus há de guiar Orestes para cá!

***Egisto***

Sei bem que os exilados se alimentam de esperanças ilusórias.

***Corifeu***

Prossegue! Adorna com sarcasmo, enquanto podes, teus nefandos crimes!

***Egisto***

Serás sem falta castigado pelas insolências ora ditas!

***Corifeu***

Ostenta força alheia, galo presunçoso perto da galinha!

***Clitemnestra*** (*dirigindo-se a Egisto e levando-o para o palácio.*)

Não dê valor a tais latidos. Eu e tu, senhores do palácio,  
teremos o poder bastante para pôr em ordem tudo e todos.

**FIM**